

Maracatu Leão Coroado: Um relato sobre cultura, tradição e educação

Isabel Batista Freireⁱ 

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil

Rosie Marie Nascimento de Medeirosⁱⁱ 

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil

Resumo

Neste relato, fazemos um convite de aproximação ao Maracatu, em específico do Maracatu Nação Leão Coroado. Assim, traçamos como principal objetivo refletir sobre o Maracatu Leão Coroado a partir das significações culturais e tradicionais ampliando horizontes reflexivos sobre a educação. Utilizamos a Pesquisa Qualitativa ancorada no relato de experiência como abordagem significativa às nossas reflexões, baseada nas vivências com o Leão Coroado, como também na pesquisa bibliográfica sobre seu contexto histórico, trazendo trechos de entrevistas encontradas neste acervo documental que envolve a nação. Por fim, destacamos o sagrado e a religiosidade no Leão Coroado como simbologias da tradição, a voz, as músicas e o tambor como elementos das experiências, histórias de vida onde a memória e o esquecimento se fazem presentes na sua forma de estruturar as relações e levamos em consideração que a Educação não se dá apenas nos espaços formais de ensino, também ocorrendo nos espaços informais.

Palavras-chave: Maracatu. Leão Coroado. Cultura. Educação.

Crowned Lion Maracatu: An account of culture, tradition and education

Abstract

In this report, we invite you to approach Maracatu, specifically Crowned Lion Maracatu. Thus, we traced as main objective to reflect on the Crowned Lion from the cultural and traditional meanings, expanding reflective horizons on education. We used the Qualitative Research anchored in the experience report as a significant approach to our reflections, based on the experiences with Crowned Lion, as well as on the bibliographic research on its historical context, bringing excerpts from interviews found in this documentary collection that involves the nation. Finally, we highlight the sacred and religiosity in Crowned Lion as symbologies of tradition, the voice as an element of experiences, life stories where memory and oblivion are present in its way of structuring relationships and we take into account that the Education does not only take place in formal teaching spaces, but also occurs in informal spaces.

Keywords: Maracatu. Crowned Lion. Culture. Education.

1 Introdução

Neste relato, convidamos o leitor a se envolver nos mistérios e sensações que o Maracatu nos proporciona, em específico o Maracatu Nação Leão Coroado. Assim, compreendemos o Maracatu como uma vivência do corpo para além da técnica, do simples ato de dançar, ou estabelecimento de um gesto que contempla o contexto. A manifestação em si explora a existência dos corpos, coloca em questão a realidade que compõe aquele ser no mundo, propõe a sensação como caminho para o conhecer-se e para a disseminação de saberes encaixados na experiência, no reconhecimento de atitudes transformadoras entre os seres que revelam, afetam e sentem.

Dessa maneira, todo o enredo que compõe as nações de Maracatu exala a expressão religiosa, de movimentos, histórica, ética, sagrada, profana, estética, tocando cada ser, seja o público ou o maracatuzeiro de uma forma diferente. Diante disso, indagamos: Quais os sentidos culturais e tradicionais do Maracatu Nação Leão Coroado que podemos construir? Traçamos como principal objetivo refletir sobre o Maracatu Leão Coroado a partir das significações culturais e tradicionais, ampliando horizontes reflexivos sobre a educação.

É neste pensamento que encontramos a importância do atual estudo, logo, acreditamos poder contribuir para o crescimento deste acervo, principalmente no que se refere a ampliar um olhar sensível com relação às manifestações afro brasileiras, especificamente o Maracatu, capaz de animar e amplificar o mundo cultural dos brasileiros, afrodescendentes, além de explorar suas singularidades no contexto da educação.

2 Metodologia

Este estudo utilizou a Pesquisa Qualitativa ancorada no relato de experiência como abordagem significativa às nossas reflexões. Tomamos como referência a realidade do Maracatu Nação Leão Coroado. Escolha intencional por ser uma das nações mais antigas do Brasil, com 157 anos de existência, englobando em sua vida aspectos suficientes para a reflexão do corpo e suas sensações. São cerca de 30 maracatuzeiros atuantes na nação, a partir do mês de setembro os ensaios se

tornam mais frequentes aos domingos e ensaiam em um terreno na comunidade de Alto Nova Olinda em Recife- PE. As apresentações oscilam durante todo o ano, no período de Novembro a Março a agenda do Leão Coroado fica mais lotada. O desenvolvimento do estudo está baseado nas vivências com o Leão Coroado, como também na pesquisa bibliográfica sobre seu contexto histórico, trazendo trechos de entrevistas encontradas neste acervo documental que envolve a nação. Com isso, entoamos reflexões sobre o conceito de cultura e tradição, levando em consideração todo o contexto do maracatu, enfatizando suas raízes, suas formas de manifestação e suas relações com a religiosidade.

3 Resultados e Discussões

Recife, Nova Olinda, Rua José Dias de Moraes, 106. Era um dia um pouco fechado, percebíamos a pista molhada, ruas esquisitas e estreitas; era cedo. Encontro neste caminho ladeiras e mais ladeiras, olhares diferentes, sorrisos enfáticos, curiosos, estava entrando em uma comunidade simples, casas empilhadas, até que me deparo com a residência do Mestre Afonso, chamo por ele e sou recebida com um belo sorriso e um forte abraço. Este pediu licença, pegou sua boina, seu cigarro e na primeira tragada começou a prostrar.

Ao inalar a fumaça de seu cigarro e dar início a nossa prosa, sou transportada para um espaço e tempo completamente distante dos trâmites profanos. Afonso Gomes de Aguiar Filho, falecido em 2018, na época com 68 anos, presidente da Nação de Maracatu Leão Coroado há cerca de 20 anos. Tivemos a honra e o prazer de dialogar sobre sua história e sobre o Leão Coroado, ele nos contou todo o percurso dos maracatus de uma maneira geral, além de adentrar nas características constituintes do Leão Coroado, suas peculiaridades e sobre sua relação de mestre nos cortejos.

Em toda a entrevista Mestre Afonso demonstrou a sua força em direcionar o Leão Coroado, suas opiniões e um olhar crítico sobre diversas demandas, desde o negro nos dias atuais, situações em que afloram seus caminhos políticos, de identidade e sobre a própria cultura, evidenciando um discurso que ratifica as

experiências e o vivido. Nesse sentido, é ponderoso afirmar que o Leão Coroado é uma nação de maracatu que contenta em sua existência elementos religiosos de uma tradicionalidade africana, é um grupo que consagra-se maracatu por relacionar os preceitos do candomblé a uma orientação de vida.

No entanto, de acordo com Mestre Afonso, o Leão Coroado possui em suas raízes fundamentos de uma tradição africana. Suas músicas e seu contexto revelam esse fato, já que é a quarta geração de comando do Maracatu Nação Leão Coroado, com seus 157 anos de existência, nascido em dezembro de 1863, 25 anos antes da lei áurea; além disso, há o fato de Mestre Afonso ter sido aprendiz do Mestre Luiz de França cuja data de natalidade reporta os anos de 1900 no bairro de Boa Vista, filho de um escravo que cultivava na nação alguns de seus aprendizados, lembranças e ressignificações de uma África antiga. Encontramos no trecho de um jornal da época, informações sobre esse contexto:

Com 95 anos, Luiz de França dos Santos, presidente do Maracatu Leão Coroado, é o mais antigo dos carnavalescos ainda em atividade em Recife. Nascido em 1º de agosto de 1900, seu Luiz passou a infância nos bairros de São José e Boa vista. Filho de escravos, seu pai, Lorianio Manuel dos Santos, trouxe da África as tradições que embasaram o maracatu brasileiro. Junto com alguns amigos, entre eles Mané Beizola, Zé Ricardo e Mané Caboclo, Lorianio dos Santos começou a organizar o que seria hoje o Maracatu Nação Leão Coroado. 'Fui criado dentro do maracatu', diz seu Luiz, que acredita ter o carnaval recifense nascido na época em que foi fundada a tradicional agremiação. Aos 18 anos, Luiz começou a trabalhar como estivador nas docas do Porto de Recife. Mas continuava ligado ao maracatu e outras tradições africanas, como o candomblé. Com a morte de primeira e segunda geração de diretores do Leão coroad, seu Luiz assumiu a presidência do maracatu, cuja história é recheada de altos e baixos. Luiz de França e o maracatu Leão Coroado.¹

Em uma matéria concedida a Carmem Lélis e Paula Lira, da Fundação de Cultura do Recife, no ano de 1995, podemos visualizar que Luiz de França retoma esse aspecto de sucessão do maracatu como questão de deixa: “Então eu to com esse maracatu porque é uma questão de deixa, dos meus avós deixa pro meu pai,

¹ Luiz de França e o maracatu Leão Coroado. **Jornal de Recife**. Recife, agosto de 1995, p.03.

foi deixa pra esse José Luis da Costa, amigo do meu pai e eu ingressei nesse maracatu, nasci dentro desse maracatu”.²

5

Diante desta afirmação, é necessário explicitar que o Leão Coroado é uma nação que carrega em toda a sua história até os dias atuais a força de outras comunidades e nações que tentaram permanecer em atuação, mas não conseguiram. Na verdade, elas vivem na potência de patrimônio vivo do Leão Coroado. Isso também expõe uma imensa responsabilidade em seus cortejos, em seus batuques e em suas orientações religiosas. Neste sentido, concordamos com Zumthor (1993) em suas reflexões sobre a tradição, pois este afirma que o conteúdo da tradição se faz presença de forma tanto poética quanto discursiva na memória do intérprete e, geralmente, na do grupo que ele integra.

O pequeno texto abaixo evidencia o sentimento de diversas lutas que envolviam Luiz de França em seu trajeto.

A memória dos maracatus

Triste constatação: os maracatus podem simplesmente deixar de existir. Mantido por gente do povo, que não recebe qualquer incentivo, o folguedo está ameaçado. Uma exposição, por sinal pioneira, mostra a memória do Leão Coroado, o maracatu que vem do tempo da monarquia.³

Neste fragmento, a memória é evocada como elemento capaz de viabilizar e reforçar a tradição. Trata-se de algo que fala sobre o povo, no entanto, Zumthor (1993, p. 140) ao refletir sobre memória, nos evidencia que esta “envolve toda a existência, penetra o vivido e mantém o presente na continuidade dos discursos humanos”, assim, o pequeno texto relatado retrata e revela sobre o poder da memória em envolver e entrelaçar constantemente a existência do grupo, na situação vivida dos africanos no Brasil.

Mestre Afonso exaltou em toda sua passagem e reflexão a importância da oralidade, deste modo, compartilhamos essa afirmação por compreender que as

² Folder ‘Assumindo nossa história’, 2003.

³ A memória dos maracatus. **Folha de Pernambuco**. Pernambuco, 11/02/1989, capa. Os negritos são meus.

culturas encadeiam-se constantemente na voz para se manterem vivas, tendo em vista essa linha de pensamento, concordamos com Zumthor (2010, p. 25) em seus estudos sobre a cultura oral ao afirmar que a mesma surge “mais ou menos como sobrevivência, reemergência de um antes, de um início, de uma origem”, assim, a comunicação oral torna-se elemento imprescindível e imbricado as tradições, a arte do povo, aos seus modos singulares de ser e viver, por isso permanecem vivas, enquanto comunidades reais ou até mesmo como mitos que regem tribos, nações ou sociedades arcaicas.

Concordamos com Zumthor (2010, p. 216) ainda no tema da oralidade, quando afirma que a mesma não está reduzida à voz, mas é pura expansão do corpo sem esgotamento: “a oralidade implica tudo o que, em nós, se endereça ao outro: seja um gesto mudo, um olhar”. No entanto, a oralidade se legitima quando há o outro, quando tem um endereço, sendo marcados por contatos únicos, de preservação.

A imbricação entre tradição e cultura envolve nossas existências e potencializa o Leão Coroado como coisa viva. Podemos perceber essas conexões presentes nas raízes da nação através do que as fortalece, renova e atualiza no grupo. Deste modo, evidenciamos a constituição histórica e étnica do negro no Brasil, apontamos os sentidos religiosos que reverberam-se constantemente no caminho da ancestralidade afro brasileira, o conhecer e explorar a manifestação do maracatu, os elementos do cortejo do Leão Coroado que podem afetar o meu, o seu, o nosso corpo, a nossa realidade corporal e em como o Leão Coroado, com seu trajeto histórico, abre as portas do pensamento para refletir sobre a memória, sobre os mitos, os ritos de passagem, a oralidade e a escrita. Estes elementos são conteúdos da tradição e da cultura, movente e vivente, que refletem hábitos, pulsões e desejos, fazendo sentidos e significados nos corpos enlaçados na busca de uma compreensão da existência.

Destaco o tambor, a voz e as letras das músicas como prática cultural construída e elaborada no Leão Coroado capaz de disseminar novos olhares e horizontes educativos, principalmente no que se refere à educação como aprendizagem da cultura, crítica, autônoma e emancipadora.

Assim, os tambores, entre os lorubá ou os Akan, expressam sua intensidade ao entrar em contato com a voz, havendo, então, uma ratificação daquela cultura, daquele povo, daquele grupo social. Deste modo, é necessário compreender que quando falamos em tambor não estamos reduzindo todo o vocabulário instrumental a um só instrumento, na realidade o batuque do Leão Coroado comporta uma orquestra de percussão a qual é preservada há um tempo e que também constitui um elemento que ratifica a tradição por manter, principalmente, expressões primárias, não em sua totalidade, pois a tradição acompanha um processo de resignificação, mas sempre algo permanece.

Cada batuqueiro no Leão Coroado é responsável por seu tambor, tanto no que se refere à construção, quanto à sua conservação. Para os que são iniciados na religião, a construção ocorre juntamente com o Mestre, além de participar de um ritual de sagração para que aquele tambor e o batuqueiro se tornem dignos um do outro. Como prática cultural presente no leão coroadado, podemos visualizar horizontes educativos nas oficinas de construção das alfaias, seu valor simbólico e religioso, a dedicação dos mestres e dos maracatuzeiros em viver a experiência da construção e do entendimento daquele momento e dos ensaios para as saídas em cortejo no carnaval e em diversas apresentações durante o ano.

Ao pensar nos tambores, direcionamos nosso pensamento para as letras das músicas que são desenvolvidas nos cortejos pela nação. A maioria dos maracatuzeiros cantam todas as músicas, alguns não terminam, outros se envolvem na concentração de acertar o baque, é tanto que por vezes o batuque se sobrepõe às músicas. São músicas diversas que refletem momentos vividos pelos negros, seres e deuses significantes para aquela nação. Nelas, encontramos um sentimento de pertencimento.

Independente da designação que contempla suas origens, o que percebemos são elementos que ratificam uma cultura influenciada e corporificada pela imensidão da diversidade africana. Os aspectos que identificam a nação e lhes empregam sentidos, vão desde várias trajetórias, caminhos, sentimentos de orgulho por demonstrarem forças, de onde vieram, como vieram, o que sofreram, sejam nos grupos étnicos da África oriental, ocidental ou equatorial, a intenção é reforçar e

resistir. Dessa forma, entrar em contato com as músicas nos ensina sobre a cultura afro-brasileira, nos permite entrar em contato com a dimensão histórica que está envolvida nas vivências, nos ritos, mitos, maneiras de ser, viver e estar desses povos.

Assim, para pensar as palavras evidenciadas nas músicas, recorreremos ao poder desta na voz, uma vez que a voz retoma passagens da existência impregnada em nós, a voz também está marcada por nossas experiências, por nossas memórias. Com isso, concordamos com Zumthor (2010, p. 12), ao refletir sobre a voz, afirmando que “Na voz a palavra se anuncia como lembrança, memória-em-ato de um contato inicial, na aurora de toda a vida e cuja a marca permanece em nós um tanto apagada, como a figura de uma promessa”, já que o poder das palavras nas músicas do Leão Coroado, legitimada na voz de cada maracatuzeiro, confirma essa imbricação um tanto apagada, mas que ergue-se com o fervor intrínseco à memória e a experiência vivida pelos seus ancestrais, pelos seus entes negros de descendência africana ou não.

Dessa maneira, a voz é repleta de subjetividade, fala sobre as existências e as relações dos indivíduos. De acordo com Zumthor (2010), a voz se encontra vinculada tanto ao social quanto ao individual, mostrando e demonstrando a situação do homem em relação ao mundo e ao outro.

Percebo no ensaio, que por mais que o batuque no tambor se sobreponha à música, a voz de mestre Afonso, ao iniciar uma toada, sensibiliza; esse poder de sensibilizar a escuta segundo Zumthor (2010, p. 15) tem relação com as qualidades da voz e remonta à cultura africana, pois “as tradições africanas ou asiáticas consideram mais a forma da voz, atribuindo a seu timbre, à sua altura, seu fluxo, débito, o mesmo poder transformador e curativo”.

Diante disso, levo em consideração a voz forte, viril e ruída de Mestre Afonso, ela transmite uma potência e evidencia o furor da nação, além de colocar em evidência sua vida, seus desafios e responsabilidades em levar uma nação tão antiga às ruas e contribuir no seu reconhecimento internacional. Evidenciando e fortalecendo uma cultura, sua voz se coloca em existência admitindo suas relações com o mundo, traz à tona toda uma reconstituição do vivido, de uma herança cultural

significante e constituída à luta, ao suor, ao sofrimento, resignada na religião, na força com o sobrenatural. Zumthor (2010, p. 10) coloca-nos que “o sopro da voz é criador”, e é isso que a voz de Mestre Afonso pareceu ser, pura criação, construção e reconstrução contínua, seja na voz que se fez presença durante a execução das toadas como a a própria voz silenciosa que expressasse no corpo, nos gestos, em seu olhar e escuta. Segundo Zumthor (2010, p. 10), ainda em seus estudos sobre a voz, ela “jaz no silêncio do corpo como o corpo em sua matriz. Mas, ao contrário do corpo, ela retorna a cada instante, abolindo-se como palavra e como som”.

A voz, as letras das músicas e o baque do tambor são alguns dos elementos presentes na prática cultural e tradicional do Maracatu Leão Coroado que podemos aqui evidenciar como trajetórias imprescindíveis para uma educação pautada na emancipação dos sujeitos que vivem e articulam sentidos e significados da ancestralidade afro-brasileira. Nesse sentido, entrelaçamos esse olhar as considerações sobre a Educação de Antônio Muniz de Rezende (1990) ao apresentá-la como um fenômeno caracterizado pela aprendizagem da cultura, das diversas formas de ser e de estabelecer relações entre o homem e o mundo, seja através do trabalho, da arte, da religião, não havendo separação entre o sujeito e o conhecimento, mas partindo de um imperativo que se coloca como condição existencial e histórica.

4 Considerações finais

Ao longo deste relato trouxemos apontamentos culturais e tradicionais presentes em algumas figuras, como também na história do Maracatu Nação Leão Coroado. Diante disso destacamos o sagrado e a religiosidade no Leão Coroado como simbologias da tradição que compreendem os aspectos dos espaços e tempos fundantes deste mundo cultural, especialmente nos elementos cultuados pelo candomblé. Destacamos também a voz, a letra das músicas e o tambor como elementos das experiências, histórias de vida onde a memória e o esquecimento se fazem presentes na sua forma de estruturar as relações. Fala sobre como interpretar aqueles sujeitos, aquele grupo, sobre seus esforços, dificuldades, como também

suas celebrações, festas e alegrias. Mestre Afonso foi legitimador desse olhar, sua presença em voz, assim como seu silenciar, foram gestos expressivos e disseminadores de saberes e conhecimentos imbricados na existência.

Com isso, levamos em consideração também que a Educação ela não se dá apenas nos espaços formais de ensino, como os muros escolares, mas que ela também ocorre nos espaços informais, como o espaço das manifestações culturais, das linguagens artísticas, desde a dança até a música e são nesses espaços que encontramos sujeitos envolvidos, que se organizam, planejam, atuam, promovem, constroem, desconstroem, ressignificam a atividade.

Não há, um olhar fechado, linear, das fórmulas certas e corretas. A Educação libertadora, aquela que emancipa, que torna livre e crítico o pensamento e prática social sobre seu lugar no mundo rompe com o caráter tradicional, luta e resiste a uma ocupação de espaço que quer tomar forma e atuar como frente principal novamente. Destarte, tal relato de experiência ratifica o legado de Freire (2006) ao afirmar que todo aprendizado se encontra associado à tomada de consciência da situação real vivida pelo educando, visto que o homem é esse ser criador, formador da cultura e aberto às possibilidades de uma Educação para a decisão para a liberdade.

Referências

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 29ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

MARTINS, J. **Um enfoque fenomenológico de currículo**: Educação como poiésis. São Paulo: Cortez, 1992.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a literatura medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

FOLHA DE PERNAMBUCO. Pernambuco, 11/02/1989, capa. Os negritos são meus.

JORNAL DE RECIFE. Luiz de França e o maracatu Leão Coroado. Recife, agosto de 1995, p.03.

ⁱ **Isabel Batista Freire**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3182-8252>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Centro de Educação; Programa de Pós-Graduação em Educação

Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN, mestra em Educação Física pelo Programa de Pós-graduação em Educação Física da UFRN, na área Movimento Humano, Cultura e Educação.

Contribuição de autoria: Escrita, elaboração e organização do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3486565550054684>

E-mail: isabfreire@hotmail.com

i

ⁱⁱ **Rosie Marie Nascimento de Medeiros**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3984-0720>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Centro de Educação; Programa de Pós-Graduação em Educação

Atualmente é Professora do Curso de Educação Física do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestrado e Doutorado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN (2005; 2008).

Contribuição de autoria: Orientação do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4739820420408872>

E-mail: marie.medeiros@gmail.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

FREIRE, Isabel Batista; MEDEIROS, Rosie Marie Nascimento de. Maracatu Leão Coroado: Um relato sobre cultura, tradição e educação. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 3, n. 1, 2022.